

## Entre Brasil e Portugal: Gênero e religião na representação do feminino em meados do Oitocentos

### Between Brazil and Portugal: Gender and religion in the representation of women in the mid-1800s

Isadora de Mélo Escarrone Costa

Doutoranda em História

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

isadoramc95@gmail.com

**Recebido em:** 21/03/2021

**Aprovado em:** 30/04/2021

**Resumo:** Na segunda metade do século XIX, a produção periodista aumentou significativamente e periódicos voltados para as mulheres afluíram em diversas regiões do mundo, como O Jornal das Senhoras (1852-1855, Rio de Janeiro) e A Esperança: Semanário de recreio literário dedicado às Damas (1865-1866, Porto). Esses impressos abarcaram questões que permitem problematizar a representação feminina do período, além de comparar e conhecer mais das crenças e práticas religiosas das sociedades que os produziram: Brasil e Portugal, respectivamente. É nesse sentido que o presente trabalho objetiva aproximar tais periódicos no tocante à representação feminina e os modos de legitimação dessa representação à partir da religião. Assim, por meio dos diferentes locais, contextos e gêneros de autoria dos impressos aqui ressaltados, recorre-se ao Jornal das Senhoras e A Esperança como principais fontes e também objetos de análise. Utiliza-se ainda da história comparada, nos moldes de Marc Bloch, da História das Mulheres e da Perspectiva dos Estudos de Gênero como arsenal teórico-metodológico para compreensão desses impressos e dos modelos de religiosidade que entoavam.

**Palavras-chave:** Representação; Maria; Eva.

**Abstract:** On the second half of the 19th century, periodical production increased significantly and periodicals made for women appeared in different regions of the world, such as O Jornal das Senhoras (1852-1855, Rio de Janeiro) and A Esperança: Semanário de recreio literário dedicado às Damas (1865-1866, Porto). These papers covered issues that allow us to problematize the female representation of the period, in addition to comparing and knowing more about the religious beliefs and practices of the societies that produced them: Brazil and Portugal, respectively. It is in this sense that the present work aims to approximate these journals regarding the female representation and the ways of legitimizing that representation through religion. Thus, through the different places, contexts and genres of authorship of the printed materials highlighted here, the Jornal das Senhoras and A Esperança are used as the main sources and also as object of analysis. It also uses comparative history, along the lines of Marc Bloch, the History of Women and the Perspective of Gender Studies

as a theoretical and methodological arsenal for understanding these printed papers and the models of religiosity they chanted.

**Keywords:** Representation; Mary; Eve.

## Introdução

O recorte cronológico privilegiado neste artigo se estende entre os anos de 1852-1866, tendo como pano de fundo a estabilidade política do Segundo Reinado brasileiro e o período conhecido pela historiografia portuguesa como Regeneração. Nesses cenários, tanto Brasil quanto Portugal enveredaram em projetos que buscavam a construção (como é o caso do Brasil) ou regeneração (como é o caso de Portugal) de suas nações pautando-se no ideal civilizacional e modernos, assim como espelhando-se em países como França e Inglaterra. Nesse período, se desenvolveram conciliações partidárias, reformas urbanas, materiais, nos sistemas de ensino e de transporte. Além disso, seja no Brasil, seja em Portugal, o contexto de modernização proporcionou condições significativas para o surgimento de jornais e escritos de autoria feminina no meio público da palavra impressa, o que, certamente, cooperou para redefinição da representação e função das mulheres letradas em ambos os países.

Nesse contexto, no Império do Brasil, novos hábitos e costumes adentraram a sociedade não como uma “cópia servil” da Europa, mas com toda uma lógica de acomodações e resistências em diferentes esferas do cotidiano de homens e mulheres (CARVALHO, 2012, p. 33). Algumas práticas foram revistas e outras reacomodadas. Por exemplo, houve a substituição do entrudo português (com seus combates de limões-de-cheiro, borrachas com água perfumada, e amos e servos convivendo em um mesmo ambiente) pelos bailes de máscara e os luxuosos carros alegóricos de passeatas carnavalescas que a partir de 1850 passaram a abrilhantar os eventos cada vez mais particulares, presentes no Império do Brasil. Também houve a gradual substituição do antigo costume português das amas-de-leite, ou amas-pretas, pelo hábito da amamentação materna, que pouco a pouco passou a ser valorizada como uma postura mais higiênica, civilizada e cuidadosa das senhoras do Império brasileiro (SILVA, 2016).

Outras práticas, porém, continuaram. O batismo, o casamento, e o funeral marcaram e permaneceram marcando a vida dos diferentes indivíduos do Império brasileiro. A religião estava no cotidiano dos contemporâneos ainda que medidas das autoridades governamentais pudessem

modificar o modo com que essa religião fosse vivida, como as medidas do município da corte da década de 1850, que restringiu a utilização dos fogueteiros, barracas, fogueiras nas festas públicas e religiosas da corte, assim como proibiram os enterros no interior das igrejas como forma de implementação de práticas mais civilizadas e higiênicas (NEVES; MACHADO, 1999). Enfim, ainda que com certas mudanças, a religiosidade, sobretudo a católica, continuava a abrir as cerimônias políticas, era lembrada por meio de seus impressos de cunho religioso que circulavam em diferentes cantos do Brasil<sup>1</sup>, bem como adentravam o ambiente das casas e se fundiam com muitas outras formas religiosas que existiam no período (NEVES; MACHADO, 1999).

Nesse mesmo contexto, em Portugal, também havia diferentes transformações na própria forma de se pensar e manter certas representações e crenças, ainda que essas fossem mais lentas à mudança. Em 1852, por exemplo, foi abolida a pena de morte para crimes políticos e em 1867 para crimes civis (RIBEIRO, 1998, p. 106-107). Em 1869, ao se levar o Código Civil às colônias, foi abolida toda a forma de escravatura no território de além-mar, embora os escravos mantivessem ligações com seus senhores até 1878, possivelmente, devido à dificuldade de o Estado português arcar com o pagamento das indenizações previstas na lei (LUCAS, 1998, p. 260). De modo geral, durante o período de regeneração portuguesa havia tentativas de eliminar práticas e valores que eram vistos como vetores de atraso nacional e prejudicial ao sistema liberal que passava a ser valorizado nessa segunda metade do século.

Nesse mesmo íterim de transformações portuguesas, os regeneradores promoveram a desamortização de terras da Igreja. Esta medida objetivou aumentar o rendimento agrícola, mas também, a diminuição da força do clero frente ao Estado português. No projeto liberal anticlerical do momento, pautado no constitucionalismo e nas reformas materiais da nação, cabia ao padre ser visto como um agente do Estado-Nação, ainda que essa não fosse a prática de muitas cidades portuguesas do período. O “nacionalismo liberal e o imaginário social burguês colidiam com a mentalidade teocrática de muitos párocos, que se mantiveram fiéis à ortodoxia romana” (NETO, 1998, p. 229). Enfim, em meio às diferentes mudanças sociais, políticas e econômicas de meados do

---

<sup>1</sup> Tais como *O pae de família catholico* (RJ; 1858-1859), *A voz da Religião: Unus Dominus, uma Fides* (PE; 1846-1850), *A Abelha Religiosa: Verdade e Caridade* (RJ; 1854), *A Assemblêa Catholica: periódico consagrado aos interesses da religião* (SE; 1859), *A Voz do Bacanga: Deos e Liberdade* (MA; 1848-1853) e outros.

Oitocentos, a religião católica persistia como a religião oficial do Estado, mesmo com a existência de tentativas liberais que pudessem lhe enfraquecer<sup>2</sup>.

Nesse cenário de transformações, reacomodações de crenças e busca por formas vistas mais civilizadas, seja no Brasil, seja em Portugal, muitos identificaram a imprensa como responsável por levar o progresso a diferentes indivíduos e locais. Pois, além de sua capacidade de penetrar lugares distantes, principalmente, pelas novas linhas férreas, colocava ao público certa homogeneização de hábitos, costumes e conhecimentos vistos como úteis aos novos padrões de corte e civilidade que se estabelecia e desejava-se que fosse compartilhado. Principalmente, nas áreas mais interioranas desses países e àqueles indivíduos que ainda não apresentavam os hábitos vistos como civilizados, como as damas, que somente nessa segunda metade do século se firmaram como um crescente público leitor.

De fato, seja no Brasil, seja em Portugal, a taxa de analfabetos eram altíssimas e poquíssimas mulheres eram alfabetizadas. As mulheres que eram alfabetizadas, em geral, eram brancas e abastardas e “tinham pouca liberdade para saírem sozinhas, e menos ainda para gastar o orçamento doméstico” dificultando, muitas vezes, a aquisição dos jornais ou de outros objetos por conta própria, sem a presença de seus pais ou maridos (FERREIRA, 2005:7; LEAL, 1992: 69). Embora com todas essas dificuldades, é inegável que a propagação da imprensa, principalmente, aquela voltada para o público leitor feminino, foi um diferencial de meados do Oitocentos, seja no Brasil, seja em Portugal. Esse tipo de publicação que apresentava um público alvo específico possibilita compreendermos os projetos de mulheres que eram almejados e exemplificados como de bom tom entre as leitoras da época, questões que podem ser observadas, por exemplo, em periódicos como *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1866) e *A Esperança* (Porto; 1865-1866).

Essas publicações, que tinham como público alvo as mulheres leitoras, podem ser denominadas de “Imprensa feminina”, pois esses impressos se constituíam tanto dos jornais que se proclamavam destinados às mulheres e concebidos por elas, quanto dos que tinham como público alvo o feminino e eram produzidos por homens. Esse tipo de impresso surgiu no século XVII, com

---

<sup>2</sup> Afinal, como pontou Mendes e Pereira, embora a dissociação entre religião e política começasse a ser rompida com código civil de 1867, “no qual de forma explícita se afirma que a naturalização é independente da religião professada”, ela se “desfaz claramente somente com a Constituição republicana de 1911”, ainda assim com muitas heranças. In: PEREIRA, Miriam Halpern. “Nação, Cidadania e Religião em Portugal nos Séculos XIX-XX”. In: CARVALHO, José Murilo. CAMPOS, Adriana Pereira. *Perspectivas da Cidadania no Brasil Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 178-189

o *Lady's Mercury* (BUTTONI, 1990. p. 7) e, em termos de Brasil e Portugal, se desenvolveu ao longo do XIX, apresentando a maior quantidade de seus títulos na segunda metade do século. Isso é, justamente no momento em que *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* vieram à luz pública.

*O Jornal das senhoras* foi por muito tempo considerado o primeiro periódico dirigido por mulheres no Brasil. Ele foi inaugurado no Rio de Janeiro pela argentina Joana Paula Manso de Noronha e apresentou diferentes textos que eram publicados quinzenalmente e escritos por homens e por mulheres. *O Jornal das Senhoras* colocava a público artigos que tinham como base a defesa da educação das mulheres e a igualdade intelectual entre os sexos. Assim, havia textos que visavam atualizar e informar suas leitoras sob suas funções e posições na sociedade. Existiam textos que se referiam à moda, aos romances-folhetins, as poesias, as traduções, aos eventos públicos e privados e à religiosidade da época.

*A Esperança: Semanário de recreio literário dedicado às Damas* é considerado o 35º periódico feminino editado em Portugal (LEAL; 1992). Esse impresso foi editado por redatores homens e apresentou colaborações de homens e mulheres. Embora tenha circulado durante dois anos consecutivos, são poucos os estudos que se debruçaram em estudá-lo, o que sem dúvida, valoriza ainda mais seu estudo sob a perspectiva da História Comparada (COSTA; 2019). Desde seu prospecto, essa publicação voltou-se para as Damas, mas em algumas passagens, abre-se para o grande público como forma de aumentar seu público leitor. Produzido no Porto, o periódico contava com artigos de moda, crítica social, teatral, crônicas, textos em prosa e em verso, algumas cartas de leitores, assim como a descrição de eventos contemporâneos e curiosidades de história, de ciência e religiosidade que eram publicados semanalmente.

O Brasil do *Jornal das Senhoras* e o Portugal de *A Esperança* vivenciaram um período de reformas materiais, transformações técnicas, urbanísticas e nos costumes, ao mesmo tempo em que tinham a presença de um país ainda rural e de uma industrialização tardia, com uma monarquia constitucional, a predominância do poder moderador e o catolicismo como religião oficial. Com tamanhos laços em comum entre essas sociedades, questiona-se se *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança* defendiam as mesmas representações do feminino. Isso é, qual modelo de feminilidade era firmado e legitimado? Como ele era legitimado? Logo, o presente artigo busca responder tais questões, de modo a compreender as relações entre a religião e as formas de representar o feminino nesses impressos e em suas sociedades produtoras.

## Gênero e religião na representação do feminino em meados do Oitocentos.

Essas representações são numerosas e antigas, muitas vezes recorrentes. Elas modulam a aula inaugural do Gênesis, que apresenta a potência sedutora da eterna Eva. A mulher, origem do mal da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida, é um grande tema romântico (PERROT; 1988, p. 168).

A necessidade de compreensão do ser mulher, assim como a frequência de certa dicotomia nas representações do feminino foi uma constante, fez parte de diferentes escritos dentro e fora das páginas do *Jornal das Senhoras* e *A Esperança*. Tratava-se de um tema, como afirma Michelle Perrot, recorrente, em que os textos bíblicos e suas personagens femininas podiam estar no centro dos debates (PERROT; 1988, p. 168).

Segundo Guacira Lopes Louro, a oposição entre dois modelos femininos, de fato, se mostrou um consenso de referenciais para as mulheres, cujo teor era essencialmente religioso. A força dessa moral religiosa que se colocava como veículo de ensino do que era considerado decente persistiu até as últimas décadas do século XIX, que a todo tempo “apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria” (LOURO; 2015, p 447).

Ainda segundo Louro, a escolha entre esses dois modelos representava, na verdade, uma não escolha, uma vez que se esperava que a moral feminina se espelhasse somente pela imagem da pureza da Virgem. Isso é, sob a uma visão santa e pura, inspirada no recato e pudor, buscando a perfeição moral e a aceitação de sacrifícios ao se educar e cuidar dos filhos e filhas (LOURO; 2015, p 447).

Nesse período, os argumentos de cunho religioso em torno da figura feminina eram instigados tanto por textos literários, quanto aqueles considerados oficiais na história da Igreja, como é o caso do dogma da Imaculada Conceição de Maria, datado de 1854. A partir desse dogma, Maria não só tinha dado à luz permanecendo virgem, como também fora concebida sem pecado, sem mácula. A partir desse dogma a igreja católica passou a incentivar a figura de Maria como um modelo a ser seguido pelas senhoras da época. Pois, além de pura, era boa mãe, caminho do progresso, do bem, da moral e da ordem cristã. Maria se tornava, a partir de então, o modelo mais bem acabado de mulher a ponto de até mesmo os teóricos do catolicismo passarem “a assinalar o imenso poder das

mulheres como condutoras rumo ao bem, mas sempre no âmbito doméstico, onde alcançariam a sua realização com o casamento” (LIMA, 2015).

Assim, o culto mariano não passou despercebido nos ideais de representação feminina dos periódicos aqui analisados. Em *A Esperança* havia textos que sacralizavam a figura da Virgem Maria e a relacionavam à figura de Mãe, revelando uma religiosidade em torno da personagem. Tal prerrogativa podia ser vista nos textos religiosos publicados em suas páginas, como se percebe no seguinte fragmento abaixo:

[...] Para as chagas ir limpar  
de seu corpo sacro-santo,  
ir lavá-las com seu pranto  
que tanto afeto contém.  
Lançarem aqueles lábios  
As súplicas tão sentidas  
E serem vozes perdidas  
Pobre Mãe!

Olhar a frente do filho  
E ver a coroa d’espinhos;  
olhar além os caminhos  
que os perigos de sangue têm.  
Ver o tormento horroroso  
Que sofre sem dar um ai!  
Suor que [...] lhe cai!  
Pobre Mãe!

Olhar a turba que folga,  
Que sorri em derredor,  
Dirigindo ao Salvador  
Tudo o que à mente lhe vem.  
Ver o sarcasmo, o motejo  
Ao filho seu que tanto ama,  
Por quem aflita chama  
Pobre Mãe!  
[...]

Contemplai esta agonia  
Contemplai tamanha dor  
Ao filho do seu amor  
Chorando a Virgem Maria  
(*A Esperança*, 1866, p. 111).

Também vivendo esse contexto, O *Jornal das Senhoras* apresentou textos religiosos, em referência a santos como Santo Antônio, Santa Odila, e, com maior frequência, à Virgem Maria, que podiam, inclusive, ser assinado por padres:

Tudo deves, mulher, à lei de Cristo:  
Essa lei sacrossanta,  
Que o jugo vil da escravidão quebrando  
Teus direitos outorga.  
Quando do paganismo as atrás nuvens  
Nosso globo enlutavam,  
Tu não eras do homem companheira  
E sim sua escrava.  
Nessa Grécia, quiçá civilizada,  
Na belicosa Roma  
Que o mundo de bárbaro o tratava,  
Do homem ao capricho  
Tua sorte somente dependia  
[...]  
O déspota ali reina  
O prazer sensual só escutando [...]  
Para o gozo d'um homem mil mulheres  
Vegetam desgraçadas!...  
[...]  
Nova lei no Calvário promulgada  
A mulher enobrece,  
D'uma Virgem no Ventre Imaculado  
O Verbo 's'incarnando  
O amor conjugal é consagrado  
Pela voz do SENHOR  
Canta, canta, mulher, hosana, gloria,  
Ao filho de David:  
Pelo padre J. C. Fernandes Pinheiro  
(*O Jornal das Senhoras*, n. 10, p. 4, 1852).

Nesses fragmentos, percebemos o culto mariano como algo a ser valorizado. E podemos compreender que mesmo em 1852 – antes do dogma da Imaculada Conceção – no Rio de Janeiro, já era possível valorizar a figura de Maria como uma personagem de distinção. Os textos a seu respeito mostravam uma evolução na condição feminina em que Maria podia ser caracterizada como um elemento divisor de águas da representação da mulher. Ela retirava a mulher de uma condição de “escrava” para uma condição de agência e importância na sociedade. Afinal, em suas palavras, a partir do calvário, “A mulher enobrece”.

Além de mãe, a Virgem Maria também podia ser caracterizada por esse periódico fluminense como um ser delicado, meigo e consolador, como se observa:

Há uma virgem no mundo  
D'um culto santo o objetivo;  
Um voto ao altar lhe apende:  
Esta Virgem é Maria,  
Que tão meiga nos atende.

O nauta que na borrasca  
Perde a força e a esperança,  
Pra ver tornar a bonança  
Inova a estrela do mar:  
É Maria a clara estrela,  
Só ela o faz esperar.

A donzela que chorosa  
Vê brigar o fido amante  
E só por Maria chama:  
Não abandona a quem ama  
(*O Jornal das Senhoras*, n. 13, p. 7, 1852).

Percebe-se que tanto no Rio de Janeiro, quanto no Porto, Maria era não somente referenciada, como também, adjetivada com características que evidenciavam o fato dela ser mãe, meiga, dedicada, pura, consoladora, dentre outros. A ligação entre Maria e as mulheres leitoras desses periódicos se relacionava de modo claro. Em diferentes momentos Maria era representada em seu papel de mãe e como um exemplo a ser seguido pelas mães leitoras, como se percebe abaixo, no jornal *A Esperança*.

Salve oh! Virgem graciosa,  
Mãe de Deus Onipotente,  
Eu vos louvo, eu vos adoro  
Junto com este inocente

Assim orava  
Mãe extremosa,  
Tendo nos braços,  
Filha mimosa

Com um sorrir d'inocente,  
Brando, meigo, lhe pagou  
Cara filhinha, os afagos  
Que lhe fez, quando beijou:

Mãos delicadas,  
Então alcançando  
Da mãe o colo  
Foi abraçando [...]  
(*O Jornal das Senhoras*, n. 16, 1852, p. 4)

Porém, juntamente com a idealização do feminino em torno de uma figura santa e pura, em ambos os periódicos persistiam dicotomias que podiam compreender a representação do feminino como algo pecaminoso e que levava a perdição. O periódico *A Esperança*, por exemplo, definia a mulher tanto como algo proveniente do divino, quanto um “Éden de Perdição e do Pecado”, como evidencia a poesia *Primeira Saudade*, de Alfredo Ansur:

Pérola do colar da divindade,  
Lírio formoso e meigo do Senhor  
[...]  
Não é mais lindo o sol não é mais puro,  
Que teu olhar angélico, divino;  
[...]  
Flexível, delicada sensitiva.  
Formosa como a opala  
[...]  
De amor um sonho lindo e caprichoso  
Éden de perdição e do pecado,  
És, mulher, brando velho acetinado  
Onde se esconde o ansiado gozo  
(*A Esperança*, 1865, p. 216).

As dicotomias eram marcantes e nas páginas de *O Jornal das Senhoras* não era diferente. Além de Maria, a figura de Eva também se mostrava uma constante da representação do feminino. Engana-se, porém, quem pensa que a todo o momento Eva era acionada como um ser ruim e pecaminoso. Nas páginas de *O Jornal das Senhoras* é possível encontrar textos que buscavam reconstruir ou reformular grande parte da versão bíblica do Jardim do Éden. No texto impresso na 36ª edição de *O Jornal das Senhoras*, sem assinatura e intitulado *A Mulher perante Deus e o Mundo*, é possível perceber uma narrativa que explicitava uma série de argumentos refeitos acerca da história bíblica, como se observa no prólogo do texto:

Querida leitora vou apresentar-vos os meus princípios e ideias, francas e leais, como sabem ser francas e leais todas as mulheres que devotamente têm cooperado para o progresso de seu semelhante. Tende, pois, paciência que eu dê começo com as palavras de um atleta pugnador dos nossos direitos, e com elas formule a serie dos meus artigos seguintes (*O Jornal das Senhoras*, n. 36, 1852, p.3).

Essa série de artigos apresentam discursos que atenuavam o estigma à “Eva”, presente no contexto produtor do periódico. Além disso, atribuiu a Adão características como soberba, sentimento de posse, “instinto de mandar” e despotismo. Segundo o dicionário de Antônio de Moraes Silva despotismo pode ser definido como “Autoridade, poder absoluto, arbitrariamente [...]

Abuso de poder contra a razão [...] (SILVA, 1831, Tomo 1, p. 591). Ou seja, *O Jornal das Senhoras*, chegava a compreender Adão como um ser autoritário e arbitrário.

Tal prerrogativa demonstrava que as palavras do discurso político da época, de alguma forma, também habitavam os argumentos a favor da condição feminina que *O Jornal das Senhoras* reverberava. Nesses argumentos, inclusive, o periódico classificava Adão como “rei absoluto”, como afirmam as palavras da autora:

Em todas as épocas, em todas as idades, em todos os espíritos de todos os tempos, tem-se desenvolvido mais ou menos primorosamente este belo pensamento de harmonia – a mulher.

[...]

Deus, o sábio organizador de uma criação admirável, foi o primeiro que depôs na imortalidade da sua obra, o magnífico epílogo – ou a razão – do que havia criado. Quando tudo estava formado, quando modelara de terra o soberbo homem da terra e o fizera marchar de cerviz altiva entre os outros animais da criação, viu em Adão, seu senhor orgulhoso, lançar para tudo que o cercava o seu olhar de rei absoluto.

Era um despotismo da matéria que tinha espírito.

Era como se nele houvesse já a ideia da propriedade.

[...] esse homem volveu a cabeça para todos os lados, abaixou-a e levantou-a, e como despertando de seu sono pétreo, deixou de ser imóvel, tremeu e avançou dizendo – tudo isto é meu! (*O Jornal das Senhoras*, n. 36, 1852, p. 3-4).

A mulher, nessa reconstrução bíblica de trechos do livro de *Gênesis*, é compreendida como “belo pensamento de harmonia”, “pensamento de paz”, mas também aquela que educa e ao mesmo tempo em que faz o homem se manter em sua “missão de progresso”. Era, pois, um “anjo” que ajudava e salvava o homem de suas próprias imperfeições.

Deus havia legado ao homem uma alma para o homem, faltava, porém, a expressão da sua própria alma, que educasse aquela, pode-se dizer: faltava um raio puro e suave da porção diviníssima da alma do céu.

Porém sem limites, sem freio à sua vontade, correria esse homem só, obedecendo a esse instinto de mandar, e esquecendo talvez também a sua missão de progresso – esquecendo o pai que o havia criado tão sabiamente.

Quando então adormecida essa criatura orgulhosa, sonhando na sua prepotência, na sua vassalagem, despertou desse sono de rei, ia abrir os olhos para ainda contemplar o que era seu, e seu despertar foi n’um sorriso de Eva, a formosa que mostrava ao seu lado para deslumbrar os olhos do homem que se cria só na terra.

Era a primeira mulher, a dadivosa dos primeiros sorrisos de encantar, a senhora das graças.

Era a harmonia, a suave passagem ou passamento da paz, que vivia na terra, como um anjo da missão da brandura.

Nem lhe fora preciso a palavra doce para fazer despertar o senhor despótico que dormia, apenas o roçar dos seus cabelos pelo rosto do homem adormecido, para abandonar a expressão selvagem (*O Jornal das Senhoras*, n. 36, 1852, p. 3-4).

Mais uma vez o periódico fluminense chamava atenção para o fato que Eva teria uma missão positiva na história bíblica, ou seja, tinha uma missão positiva na história desde os começos dos tempos, na visão de época. A mulher, representada na história a partir de Eva, era compreendida como um anjo auxiliador do progresso. Além disso, era vista como um ser que podia, com apenas o toque de um cabelo, retirar características selvagens, características de cunho “bruto, irracional, feroz” (SILVA, 1831, Tomo II, p. 706), que ainda existiam em Adão.

Em outras palavras, em *O Jornal das Senhoras* havia a construção da representação feminina em torno de um ser transformador que apresentava uma missão em sociedade. Essa missão dizia respeito tanto a zelar pela educação do homem, quanto trazer paz e harmonia afastando, de certa forma, os sentimentos de orgulho e posse que, na visão do periódico, o homem (Adão), de fato, apresentava. Além de atrelar ao discurso bíblico uma visão de progresso e civilização própria do cenário produtor desse jornal, o mesmo buscava desmistificar certa visão de Eva. Essa desmistificação, em meados do XIX, parecia uma oportunidade de retirar a herança de culpa que caía sobre as mulheres no contexto do *Jornal das Senhoras*. Afinal, na visão desse periódico, Eva podia ser considerada a mãe das mulheres da humanidade, já que era a primeira mulher (*O Jornal das Senhoras*, n. 35, 1852, p.4).

Quanto ao ato de comer o fruto proibido, esse mesmo jornal fluminense, mais uma vez, buscava expor que homens e mulheres são, ao mesmo tempo, responsáveis pelo ocorrido. Não devia-se culpar, somente, a mulher por tal ato:

Diz o velho livro da criação, que fora ela, Eva, que nas delícias do Paraíso buscara distinguir o bem e o mal – a serpente amaldiçoava-a, porque o vil e rasteiro réptil é venenoso, e não ama a doçura de uma alma serena e clara; o homem porém, compreendendo melhor a sua missão, abertos os olhos pela mulher, ligado a ela pelo amor, embriagado em tanta beleza, fora-se com sua mulher a morrer ou viver por ela, suando por sustenta-la, armando o seu braço por defende-la (*O Jornal das Senhoras*, n. 36, 1852, p. 6)

No trecho acima, além da figura feminina ser compreendida a partir de uma ação positiva, é possível perceber que o amor era um fator de união e de abrandamento dos possíveis conflitos entre os sexos que podia ser visto desde a criação do mundo. Cada um apresentava um papel. A mulher

era bela, doce e vulnerável, mas, mesmo assim, buscou distinguir o bem e o mal. Já Adão era mais ciente de sua existência e se ligava à Eva sob a ideia de amor. Além disso, cabia a ele tanto amá-la quanto sustenta-la e protegê-la.

No jornal *A Esperança* também é possível compreender o amor como meio de ligação entre homens e mulheres, começando no paraíso bíblico. Porém, como se percebe já pelo título do texto *Adão antes de Deus formar Eva*, o periódico tinha artigos que objetivava mostrar os sentimentos, angústias, circunstâncias e agências do personagem Adão e não de Eva – característica que, embora apresentasse o mesmo objetivo de narrar a história bíblica do Éden, se diferenciava de *O Jornal das Senhoras* por atribuir outras agências aos indivíduos narrados:

Neste belo paraíso,  
Por que não sou eu ditoso?!  
Por que não enche minh'alma  
Este quadro majestoso?!

A terra cheia d'encantos,  
Este sol que me ilumina,  
Para mim formou Deus tudo;  
Mas eu ainda mais queria!...

Mais... porém, não sei o que.  
O que mais quero fluir...  
O coração pulsa forte,  
A Deus não sei o que pedir!...

Ai, além, o cordeirinho  
Salta alegre na ladeira,  
Não tem mais que desejar  
Oh! Tem uma companheira!...  
[...]

Sim, eu devo só viver  
Para amar o Criador,  
Admirar suas obras  
E dar-lhe infinito amor.

Mas rebelde esta minha'alma  
Quer da terra uma afeição,  
Ah! Ela a busca incessante,  
Incessante, sempre em vão!...

Se também me fora dado  
Uma companheira ter,  
Ao lado seu mais ditoso,

De Deus louvara o poder!  
[...] mais bela a imagino,  
Qual estrela a cintilar,  
Mais linda que a rubra rosa  
Que a lua a luzir no mar!  
[...]

E cismando sobre a relva  
Adormece apaixonado,  
Eis que Deus a mulher forma  
Que ele vê já despertado.  
[...]

E curvado para o céu  
Ergue as mãos agradecido;  
[...] ele a quisera em troca  
Do paraíso perdido...

Com ela a vida fluir,  
Antes quer sujeito à morte,  
Quer junto dela perder-se,  
Sofrer o rigor de sorte!

Sem a mulher que sois vós  
Sol, estrela, lua, flores?  
O primeiro homem sem ela,  
Em vós não achava amores!

Ela só encerra em si  
O mundo, céu, paraíso,  
Para ser ditoso, ao homem.  
Basta um seu meigo sorriso!  
(*A Esperança*, 1865, p. 186-187).

Diferentemente de *O Jornal das Senhoras* as páginas de *A Esperança*, com mais frequência, explicitam que Eva foi criada não porque Deus achou que fosse uma maneira de diminuir o orgulho e sentimento de posse que o homem tinha ao ver a criação divina, mas foi criada porque o próprio Adão almejava isso. Nesse sentido, Adão é caracterizado como um ser solitário, rebelde, desejoso de uma companheira. Já Eva, é caracterizada como um ser belo, próximo às estrelas e flores, aquela que leva amor à vida do homem. Nesse sentido, podemos pensar como o trecho evidencia a completude da obra de Deus; todo homem precisa de uma mulher, são seres que se completam, cada qual com suas supostas características distintivas. Valoriza-se a relação matrimonial como mais que um casamento, é uma união entre um homem e uma mulher sob o olhar de Deus.

As diferenças nos discursos nos levam a compreender a visão que cada um desses impressos reservava no tocante à representação do feminino e sua agência em sociedade. Ambos os periódicos ancoravam-se em discursos religiosos como forma de legitimação de uma verdade e apresentavam uma preocupação em narrar a passagem bíblica do Jardim do Éden, mas cada um do seu jeito.

No caso de *A Esperança*, havia um forte argumento que colocava uma maior importância ao que compreendiam como o primeiro homem, Adão, e seus almejos. Nesse sentido, a mulher teria sido criada por Deus pelo simples motivo de trazer amor, beleza e graça ao homem. Isso é, porque apresentava uma utilidade a ele e porque Adão quis, almejou e pediu a Deus tal feito em troca do paraíso. Por sua vez, em *O Jornal das Senhoras* a figura de Eva mostrava-se como um ser belo, mas também, que apresentava uma missão no mundo: ela quem primeiro distinguiu o bem e o mal, ajuda o homem e o inseria no progresso da civilização.

A beleza, a formosura, o amor e certa idealização feminina também faziam parte das definições da mulher construídas nas páginas de *O Jornal das Senhoras*. Isso é, esse periódico não negava a beleza da mulher, sua utilidade para o homem enquanto mantenedora da harmonia e sua própria educadora, mas a todo o momento o periódico buscava demonstrar uma atuação feminina ao relatar a passagem bíblica do jardim do Éden que se diferencia do periódico português. Já que esse último enfatizava mais o querer e visão de mundo de Adão do que de Eva e sua agência positiva na história bíblica do livro de Gênesis.

O destaque ao papel materno da Virgem Maria aparece tanto no periódico *A Esperança*, quanto no *Jornal das Senhoras*. Contudo, neste último, a maternidade está para além da representação de Maria, apresentando uma releitura de Eva, muito diferente daquela que reconhece a primeira mulher somente como pecadora: a Eva-mãe.

Em breve gemiam as espessas florestas debaixo do braço de Adão, as entranhas da terra foram aprofundadas, as águas desviadas, a terra cultivada, e no meio de toda a terra ainda selvagem, levantou-se singelamente a choça do primeiro homem formado com o braço guiado pela inteligência animada pela proteção que dele exigia a criatura formosa, como o primeiro movimento dos feitos da vida humana.

Essa família feliz aumentou-se: e agora, aos sorrisos amorosos da mulher esposa, juntaram-se os primeiros cílios de amor maternal.

Eva era mãe.

Foram as suas, sobre a terra, as primeiras carícias que um filho recebera de uma mãe – a primeira mãe e o primeiro filho riam-se e entendiam-se.

Mais eloquente mais sublime essa mulher – mãe, do que a natureza-mãe que havia amamentado Adão, ela houvera entregado sua existência toda inteira para salvar seus filhos da mancha do pecado original - mas sua alma era imortal (*O Jornal das Senhoras*, n. 36, 1852, p. 6).

Embora seu discurso tenha se atenuado ao longo das edições, *O Jornal das Senhoras*, procurou defender uma posição do ser mulher que buscava retirar sentimentos de culpa e pecado. Afinal, a mulher considerada a primeira pecadora, também era mãe e esposa. Ela, assim como Adão, teria participado do momento da criação. Ambos comeram o fruto proibido e se Adão protegia a família, era Eva quem cuidava e amamentava os filhos da humanidade. Nesse discurso, percebemos que o periódico, embora buscasse dar uma maior importância a Eva e negar o homem como “rei da criação”, ele não nega o papel de mãe e esposa das mulheres. Inclusive, o valoriza como atributo positivo e efetivado pelas mulheres desde Eva.

A mulher, porém, sempre firme na sua sagrada missão, foi sempre a mesma mãe para todos os filhos, para todas as idades, e em todos os tempos: ela, a sábia e eloquente mestra do homem, nascera com o espírito cultivado para o seu fim.

Assim, aparecia ela sempre à frente da criação, porque era, por assim dizer, o espírito puro de um Deus de amor, quando cansado de criar só matéria, criara-a com mais abundância de espírito (*O Jornal das Senhoras*, n. 36, 1852, p. 6).

Compreende-se, assim, que tanto em *O Jornal das Senhoras* quanto em *A Esperança* havia preocupações em tono da definição da mulher na sociedade. Essas definições eram exemplificadas por meio de figuras femininas e bíblicas. Diferentes artigos, de ambos os jornais, buscavam influenciar as mulheres a seguir o exemplo de mãe, zelosa, cuidadora e pura, como foi Maria, mãe de Jesus. E tais preocupações e exemplificações não adentravam apenas esses impressos, mas circulavam por diferentes outras obras e formatos. O trabalho de Ana Carolina Coelho Soares nos leva a pensar como não apenas os jornais, mas a própria literatura de época lançava e legitimava atributos às mulheres da segunda metade do século XIX. A mulher deveria ser civilizada, educada e feliz. E, no processo de formação dessas características, o amor, o casamento e a maternidade eram as verdadeiras fórmulas da felicidade e da vontade de Deus no mundo (SOARES; 2015).

E nos periódicos aqui analisados não foi diferente. Maria era um destaque e embora *O Jornal das Senhoras* tentasse legitimar Eva, o mesmo nada mais fazia que aproximá-la dos atributos que, com o passar do tempo, cada vez mais passaram a se pautar no exemplo de Maria: a maternidade, o zelo e cuidado com os filhos. Enfim, tanto *O Jornal das Senhoras* quanto *A Esperança*, para buscar definir a mulher em sociedade, voltavam à história do Jardim do Éden fosse para culpar, fosse para defender

os feitos de Eva, mas sempre compreendendo na maternidade e no amor a fórmula de se chegar à felicidade e harmonia entre homens e mulheres.

Todas essas questões nos levam a pensar a importância de atrelarmos aos estudos que priorizam os jornais como fonte e objeto de estudo as temáticas de gênero e religião, pois, para compreender aquilo que os contemporâneos identificavam como distinto e verdadeiro de certo momento histórico torna-se necessário vasculhar o tecido cultural em que se assentavam. Torna-se necessário analisar uma malha repleta de opiniões, crenças, diferenciações e interseções em que, no caso do Brasil e de Portugal, a religião se mostrava um forte atributo limitador e exemplificador do modelo de feminilidade que se queriam construir. A religião era uma grande estampa dessa malha quadriculada e os papéis atribuídos aos gêneros elementos produzidos e atravessados com as cores da mesma representação.

### Considerações Finais

Em meados do Oitocentos a imprensa mostrava-se produto e agente de um contexto diversificado que buscava o progresso e novos hábitos culturais com jornais segmentados que pretendiam atender a complexidade e objetivos da nação que se formava ou regenerava. Países como Brasil e Portugal viviam um período de mudanças técnicas e materiais, de melhorias da imprensa, da multiplicação das casas tipográficas, do aumento do número de leitores e da inauguração de impressos para públicos diversos e com diferentes temáticas, como os jornais literários, científicos, comerciais, de religião, satíricos, de imigrantes e aqueles voltados para a mulher leitora, como era *O Jornal das Senhoras e A Esperança*.

Tais periódicos se relacionam, assim, a um contexto sincrônico de apaziguamento político-partidário, ampliação das produções impressas, de reformas urbanas, materiais, nos sistemas de ensino e de transporte que se desenvolviam tanto no Brasil quanto em Portugal no decorrer das primeiras décadas de meados do XIX. Mesmo se situando em décadas, cidades e países distintos, tanto no *Jornal das Senhoras* quanto em *A Esperança* encontram-se convergências quanto aos assuntos publicados, sobretudo, encontram-se ideias comuns em torno da representação das mulheres. Pois, essa representação achava na religião um legitimador do modelo de mulher que se almejava e constituía-se em ambos os países.

Enquanto o jornal fluminense se preocupava na doutrinação de uma mulher agente de seu contexto produtor e que buscava uma versão mais compreensiva e em defesa das mulheres, mesmo em relação ao estigma da personagem Eva, no Porto, havia, com mais frequência textos que reafirmavam Eva e sua “malícia”, assim como considerava o homem como o “rei da criação”. Embora se observe tal distinção e até recusa do *Jornal das Senhoras* em achar o homem “o rei da criação”, ambos os periódicos adotaram ao fim de suas reconstruções de Gênesis o homem como o protetor da família e a mulher a ajudante, o ser de virtude, o anjo conciliador e atuante no lar, tendo como principais funções ser esposa e mãe, tal como foi a personagem bíblica Maria.

Enfim, em meados do Oitocentos Brasil e Portugal continuavam nutrido semelhanças políticas, econômicas e cultural. A religiosidade, sobretudo a católica, continuava sendo uma visão de mundo compartilhada em ambos os países. Além disso, era um critério importante de legitimação de práticas e crenças culturais dessas sociedades marcadas por um passado em comum e laços de proximidades que continuavam vivos e sincrônicos mesmo após a Independência brasileira.

#### Fontes:

*A Esperança: Semanário Literário dedicado às Damas*. Porto, 1865-1866. Disponível em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>. Acessado em mar. de 2021.

*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 1852-1855. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700096&Pesq=n%c3%a3o%20recuou&pagfis=1>. Acessado em mar. 2021.

#### Referências bibliográficas:

BUTTONI, Dulcília Schroeder. *A Imprensa Feminina*. 2ª Edição. São Paulo: Ética, 1990.

CARVALHO, José Murilo (Org.). *A construção Nacional*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2012.

COSTA, Isadora de Mélo. Revendo os laços e aproximando os nós: breve ensaio historiográfico dos periódicos *O Jornal das Senhoras* e *A Esperança*. In: *Anais Eletrônico II Encontro Fluminense de Teoria da História e Historiografia - Epistemologias Insurgentes*. Rio de Janeiro: Gramma, 2019. v. II. p. 89-98.

Disponível em:

[https://encontrofluminensedeteoria.weebly.com/uploads/1/1/9/9/119935378/anais\\_ii\\_efth\\_2019.pdf](https://encontrofluminensedeteoria.weebly.com/uploads/1/1/9/9/119935378/anais_ii_efth_2019.pdf). Acessado em mar. de 2021.

FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da leitura. *Revista Gênero*, v. 5, n. 2, 2005. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31141>. Acessado em mar. de 2021.

LEAL, Maria Ivone. *Um século de Periódicos Femininos – Cadernos Condições Femininas nº 35*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992.

LIMA, Raquel dos Santos Sousa. “A Igreja Católica e o discurso sobre a mulher no século XIX: questões de gênero na santidade de Rita de Cássia”. In: Anais do II Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões. Recife, 2015. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/>. Acessado em: 27/03/2020.

LOURO. Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Mary Del Priore (org.) *História das Mulheres no Brasil*. Ed. 10a.. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCAS, Maria Manuela. “Organização do Império”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998.

NETO, Vítor. “O Estado e a Igreja”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. MACHADO, Humberto Fernandes Machado. 2ª impressão. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PEREIRA, Miriam Halpern. “Nação, Cidadania e Religião em Portugal nos Séculos XIX-XX”. In: CARVALHO, José Murilo. CAMPOS, Adriana Pereira. *Perspectivas da Cidadania no Brasil Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PERROT, Michelle. Tradução Denise Bottmann. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “A Regeneração e seu significado”. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal – quinto volume – O liberalismo (1807-1890)*. Editora Estampa, 1998.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Regia, 1831, Tomo 1.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz*. São Paulo: Edusc, 2015.